

**CÁTEDRA INSTITUTO CULTURAL ESPM:
ARQUIVO, DOCUMENTO E MEMÓRIA NA COLEÇÃO DE REVISTAS N° 1¹**

**ESPM CULTURAL INSTITUTE CHAIR:
ARCHIVE, DOCUMENT AND MEMORY IN THE N° 1 MAGAZINES COLLECTION**

Flavia de Vasconcellos Protta Sado²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir a significação do objeto revista a partir da coleção de revistas N° 1 da Cátedra Instituto Cultural ESPM. O quadro teórico deste trabalho é formado pelos autores Baudrillard (1973), Cardoso (2012), Colombo (1991), Halbwachs (2017), Le Goff (2003), Buitoni (2013), Leslie (2003) e Mira (2001). Com esta base o trabalho articula a própria lógica de produção da mídia revista, cuja uma das características específicas a ser aqui abordada é da segmentação, com seu ganho de valor simbólico e sua ressignificação enquanto objeto, relacionando-a aos conceitos de coleção, documento, arquivo e memória.

Palavras-chave: Comunicação e Consumo. Memória. Coleção. Revistas.

Abstract

This article aims to discuss the significance of magazines from the N° 1 Magazines Collection of the ESPM Cultural Institute Chair. The theoretical framework of this text is formed by the authors Baudrillard (1973), Cardoso (2012), Colombo (1991), Halbwachs (2017), Le Goff (2003), Buitoni (2013), Leslie (2003) e Mira (2001). With this basis, the work articulates the journalistic production logic of magazines, characterized by its segmentation, with the symbolic value gain and its reframing as an object, relating it to the concepts of collection, document, archive and memory.

Keywords: Communication and Consumption. Memory. Collection. Magazines.

Considerações iniciais – apresentação da coleção

A Cátedra Instituto Cultural ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), em desenvolvimento, perante orientação de Mônica Rebecca F. Nunes (PPGCOM-ESPM) na área Memória, Comunicação e Consumo, trabalha com a identificação de peças que pertenciam ao Instituto Cultural que passarão a constituir o acervo da biblioteca dessa mesma instituição,

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Memória e Vínculos Comunicativos, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

²Mestranda, Escola Superior de Propaganda e Marketing ESPM/SP, flavia.sado@acad.espm.br

cujo objetivo final é a catalogação de vários materiais para constituição de um acervo acadêmico que sirva à comunidade em geral.

Na busca por delinear um estudo qualitativo na área de comunicação, com foco em veículos como as revistas e sua relação com valores simbólicos, culturais e sócio históricos, a coleção doada pelo publicitário José Francisco Queiroz a ESPM, é encarada como o corpus de investigação. Desta maneira, o presente artigo se debruça em um primeiro contato com estes materiais de pesquisa de mestrado e seus possíveis desdobramentos.

A análise de documentos é uma metodologia pertinente a muitas áreas de pesquisa. André Cellard (2008) considera que os seres humanos não são dotados de uma ilimitada capacidade para guardar informações e que a memória além de escassa prioriza determinados fatos em detrimento de outros, por vezes os alterando. Assim a utilização de documentos escritos (compostos de imagens e textos) servem como formas de reconstrução do passado, tornando-se componentes mais palpáveis para o pesquisador edificar seus trabalhos.

Embora o autor fale da abrangência de significado e materialidades que a palavra documento possui na contemporaneidade, ele vai identificá-lo como “ texto escrito, manuscrito ou impresso, registrado em papel” (Cellard, 2008, p. 297), dividindo-o em quatro grupos: aqueles que são públicos arquivados (arquivos governamentais); aqueles que são públicos mas não arquivados (jornais, revistas, anúncios – materiais impressos e distribuídos); aqueles que são privados e arquivados (documentos de organizações, instituições, empresas); e, por fim, aqueles que são privados e não arquivados (documentos pessoais, diários, cartas).

Já nessa divisão é possível suscitar alguns paradoxos e controvérsias ligadas à significação do objeto revista quando ganha a atribuição de documento. Vamos problematizar seus diferentes sentidos no decorrer do artigo, acabe aqui ressaltar sua importância para a constituição de pesquisas acadêmicas, como lembra Cellard (2008), peça no emprego de recomposição da história.

A coleção de revistas nº 1 é formada por 969 publicações variadas, datadas a mais antiga de 1947 e a mais atual de 2015, caracterizadas, como o nome já identifica, por serem todos os títulos uma primeira edição. José Francisco Queiroz, doador das revistas para a instituição é formado em publicidade e propaganda tendo trabalhado com comunicação para as empresas CIN, J. Walter Thompson, GTM&C, Norton Publicidade, Agnelo Pacheco, Editora Globo, SBT e a própria ESPM, como vice-presidente de marketing até 2016.

Na tentativa de melhor decompor todos os termos da coleção e expor seu conteúdo, foi feito uso da segmentação como forma de divisão e agrupamento das publicações. De acordo com a pesquisadora Mira (2001), do ponto de vista da comunicação de massa, a autora entende que havia um discurso, salientado pela Escola de Frankfurt, que a diversificação do mercado serve para atrair a todos e torna-los homogêneos, mas, com a intensificação da segmentação nas décadas de 80 e 90, ou estaríamos sob “um processo de desmassificação [ou seria] a ideia de que o público sempre conteve uma diferenciação interior que o conceito de massa ocultava, a análise das revistas aponta mais para a segunda” (Mira, 2001, p. 11). A autora expõe como tentou em sua observação abordar as questões de segmentação, apesar de admitir que decidiu não delimitar o conceito e não abranger todo o alcance que essa discussão poderia levar.

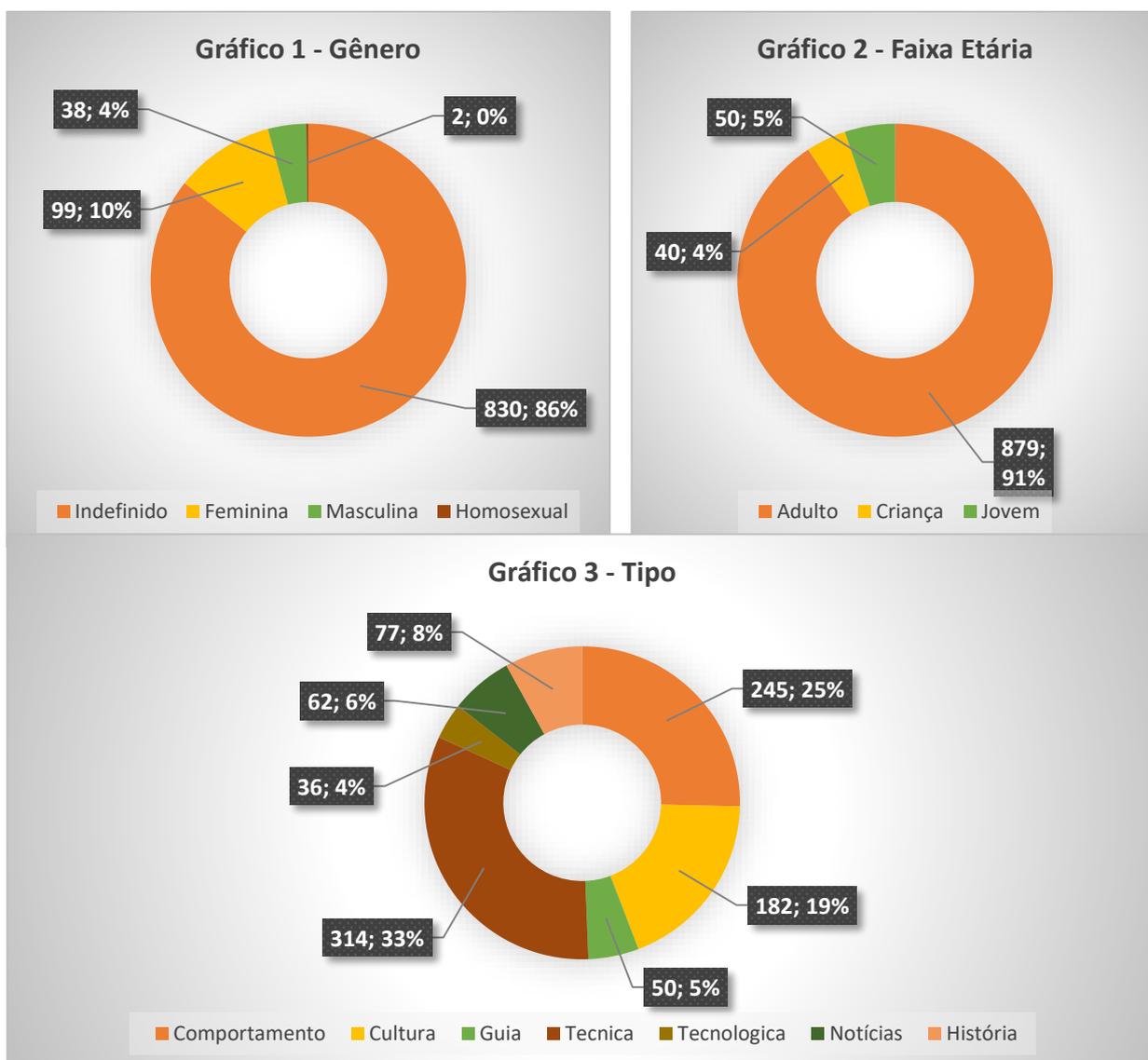
Desta maneira é interessante o levantamento feito por Buitoni (2013), quando começaram a surgir as primeiras revistas elas possuíam diversos assuntos que atraíam públicos mais específicos do que os de leitores de jornais, por causa disso elas passaram a ter diferentes formas de segmentação. Embora seja perceptível esses agrupamentos o autor destaca que “a segmentação é um fenômeno do século XX” (Buitoni, 2013, p.107). Os tipos de segmentação mais aplicados hoje no mercado procedem as pesquisas de consumo feitas por escritórios de propaganda nos quais as categorias de gênero, faixa etária e classe social predominavam para construção de seus públicos. O autor pensa a segmentação ligada às práticas de produção jornalísticas e editoriais que veem a necessidade de dividir seus trabalhos de forma diferente das agências e setores de marketing. Assim ele aponta para duas maneiras de compor essas divisões: por assunto e participação em um conjunto maior (quando uma empresa ou editora compõe um leque de subtítulos ligados a um tema ou publicação-mãe).

As revistas impressas são objetos comunicacionais que possuem certas características próprias que as distinguem de outros veículos de comunicação. Uma de suas particularidades é de ser um encontro não apenas de um autor e escritor, mas de produtos e marcas, atuando em várias esferas do mercado. Para o leitor, a publicação se torna parte de sua identidade fazendo pertencer a um grupo maior de leitores que possuem os mesmos gostos (Buitoni, 2013). Desta forma as revistas participam das mudanças sociais e históricas dando visibilidade a diferentes grupos de sujeitos.

Leslie (2003) concorda com Buitoni (2013), ambos destacam a existência de revistas hiperespecializadas, o primeiro em relação periódicos mais independentes e o segundo conta sobre a periódicos mais educativos voltados para determinadas áreas de formação ou conhecimento.

Nas bancas e livrarias encontra-se uma diversidade até na segmentação da revista:

Essa grande variedade de classificação mostra como o conceito de segmentação pode se desdobrar dentro de um mesmo universo temático: as revistas de turismo também seriam um segmento de um conjunto que reúne atividades de lazer; por sua vez, no cenário internacional, existem revistas de turismo sofisticado, popular, de aventura, etc. A indústria de guias de turismo para continentes, países e cidades vem apresentando diferentes estilos de viagens, em uma crescente segmentação. (Buitoni, 2013, p. 114)



Deste modo os gráficos acima mostram três modos de agrupamento dos exemplares da coleção de revistas nº 1 de forma a expor particularidades do seu conteúdo. No primeiro, o de gênero, as revistas foram separadas de acordo com seu próprio discurso no qual enfatizava o enfoque para mulheres, homens, homossexuais e os demais, que não anunciavam tal predisposição, foram colocados como indefinido. Do mesmo modo foi estabelecido o segundo gráfico, de faixa etária, embora não especifique a idade particular de cada público, este é separado em adulto, jovem e criança, preservando o ponto de vista do próprio veículo. Já no terceiro gráfico, de tipo, buscou-se dividir os exemplares por assunto.

Dentro do grupo comportamento encontram-se as revistas que em suas matérias descrevem modos de agir e ser como os títulos Pais e Filhos (1968), Elê e Ela (1969), Status (1974 e 2011), Carícia (1975), Vogue Brasil (1975), Trip (1986), Marie Claire (1991), Você S.A (1998); em cultura encontram-se os títulos especializados em arte, esporte, filmes, gastronomia, literatura, música, teatro, turismo, e aqueles que reúnem um pouco de cada uma dessas áreas em uma única publicação, como os exemplos: Senhor (1970), Manchete Esportiva (1977), Boa Viagem (1981), Artescultura (1983), Blizz (1985), Viagem e Turismo (1995) Bravo! (1997); em guia estão as publicações que enumeram lugares, lojas, pessoas para fácil localização como Guia Cozinha (1984), Guia do Fax (1989), Guia de Programação NET (1994); em técnica estão assuntos que requerem saberes e conhecimentos ainda mais específicos divididos em 23 subcategorias abordam administração pública – Cidades (1995), agricultura e pecuária – Agricultura e Cooperativismo (1976), arquitetura, construção e decoração – Construção Hoje (1975), Anuário Casa e Decoração (2011), consumidor – Controle de Qualidade (1990), educação – Informe Universitário (1996), Grandes Temas Vestibular e Enem (2012), empresas e negócios – Revisa Mensal do Executivo (1977), Secretárias e Escritórios (1990), energia – Petro e Gás (1985), Biodiesel e Agronegócio (2005), engenharia – Engenharia Civil (1974), Indústria em foco (2007), exportações – Brasil 21 (1980), Porto S.A (2006), faça você mesmo – Figurino Senhora (1977), Ana Maria (1996), indústria – Mundo Mecânico (1976), Plástico Industrial (1998), sistema jurídico – Justiça Popular (1980), Trinolex.com (2004), medicina, farmácia, saúde – Medicina Hoje (1974), Amil Health & Management (2006), mercado e produção editorial – Comunicação Visual (1995), Mundo Literário (2009), mercado imobiliário – Vero (2007), mídia, meios e veículos – Carta do Mídia (1976), Meio de Comunicação (1991), publicidade, propaganda, anúncio,

marketing – Briefing (1978), Ad Business (1997) Adnews em revista (2010), segurança – Revista Segurança e Prevenção (1976), Safe Work (2015), terceiro setor – Salesianos (1999), transporte – Oficina (1972), Boleia (1980), Caminhão e Cia (2005), varejo – Super Varejo (1973), PV (1973), Dirigente Lojista (1998), vestuário – Anuário Brasileiro de Moda (1973), Griffe (1984); em tecnologia estão as publicações sobre sistemas e aparelhos eletrônicos – Micro Sistemas (1981), Mac Mania (1994), Info GPS (2007); em notícias os títulos apresentam reportagens e matérias de acontecimentos do cotidiano, economia, política, ciência – Realidade (1966), Veja (1968), IstoÉ (1976), Afinal (1984), Superinteressante (1987), Época (1997), Revista Piauí (2006); e em história estão as revistas de fotonovela, ilustradas ou em quadrinhos – Grande Hotel (1947), O Pato Donald (1950), Ternura (1996), Turma da Mônica Jovem (2008). Estes são apenas alguns títulos para compor um panorama inicial do que se trata esta coleção.

Descrevendo o cenário do mercado editorial de revistas em Londres, na virada do século XX e começo do XXI, direcionando o olhar para questões de design advindas das novas tecnologias, internet, globalização, refletindo uma nova maneira do fazer a revista, o autor Leslie (2003) passa por algumas discussões que também vão ser verificadas dentro da coleção aqui estudada. Uma delas é do aumento do número de publicações produzidas, não por uma editora, mas pelas próprias marcas, que veem vantagens na maneira que este tipo de veículo se aproxima de seu público alvo. Ao invés de aparecer ao lado de outros anúncios em determinado periódico, prefere construir o seu próprio, muitas vezes sem se preocupar em distribuir em bancas e livrarias, entregando as diretamente para quem a marca identifica como interessado. Um título que exemplifica este fenômeno é A arte de viver Philips Magazine (1992).

As revistas da coleção nº 1 revelam marcas, histórias, modos de produção, valores de diversos anos, mas além disso estão intimamente ligadas a figura do seu colecionador. Baudrillard (1973) enquadra a coleção nas categorias de sistemas de objetos descritos como aqueles que possuem um discurso subjetivo que foram possuídos e deixaram de expressar sua função inicial. No caso das revistas, elas foram projetadas para comunicar determinadas notícias e reportagens a públicos específicos, como já foi descrito, e evocar determinados tipos de comportamento e consumo. Retiradas do cenário em que foram produzidas, agrupadas em uma coleção e envelhecidas com o passar do tempo, estes exemplares ganham uma nova significação que articula seu sentido inicial com os símbolos e valores culturais do

presente. Como objetos antigos, agora possuem uma historicidade, são depoimentos e lembranças de uma outra época, características que lhes conferem maior valor, assim como, por serem primeiras publicações de veículos da imprensa, ganham autenticidade e credibilidade na construção de um imaginário do passado.

Operando transferências de sentidos estes objetos são colocados numa dimensão contrária à cronologia cotidiana que tenta impor controle e ritmo à sociedade. Camadas de valor adquirido que se perpetuam e reintegram os exemplares dentro de dinâmicas de consumo e desejo (Baudrillard, 1973).

É no conjunto de objetos abstraídos de sua função e uso que se conceitua a coleção “só uma organização mais ou menos complexa de objetos que se relacionam uns com os outros constitui cada objeto em uma abstração suficiente para que possa ele ser recuperado pelo indivíduo na abstração vivida que é o sentimento da posse. Esta organização é a coleção” (Baudrillard, 1973, p.95).

A descrição do conceito de coleção evidencia um movimento cíclico de dependência na relação do sujeito com o objeto, o qual materializa a identidade de seu criador, mas depende dele para deixar de ser algo apenas operacional e assumir o status de posse.

Conjuntamente às qualidades de paixão e adoração se destacam na busca que permeia a ação de construção deste conjunto de objetos. Sempre em aberto o colecionador está à procura do próximo item que dará continuidade à coleção. Os discursos permanecem fluidos e maleáveis, se moldando em uma nova forma com a entrada de um novo elemento na série que se constrói. O objeto deixa de ser o protagonista de sua história para entrar num enredo maior que ele mesmo, que conta a história de vários tempos, mas que em última instância conta a história do próprio colecionador. Através da coleção que o sujeito encontra uma maneira simbólica de vencer as barreiras da morte e fazer perdurar sua existência. É devido a características da personalidade do próprio José Francisco Queiroz que na coleção de revistas nº 1 encontram-se mais números sobre transportes, publicidade, notícias do que moda, arte e design.

Ao doá-la a uma instituição a coleção é resignificada. As revistas, que já haviam deixado parte do seu discurso de veículos de informação ao entrarem na coleção, agora ganham novas camadas de sentidos e comunicam outros valores para além dos imaginados pelos editores e empresas que as criaram.

Revista como arquivo e documento

Colombo (1991) expressa em seu trabalho a necessidade que o homem tem em guardar o passado. Os arquivos existem no âmbito pessoal, como as coleções e guardados de vídeos, cartas, fotos; e no âmbito público em bibliotecas e cinematecas. A coleção de revista nº 1 materializa recordações que compõem parte da memória do próprio colecionador como de todos da sociedade. O autor afirma que para evitarmos o esquecimento fazemos uso de quatro modos de guardar informação: a gravação, que consiste em transformar fatos em linguagem, seja escrita, visual ou audiovisual (as matérias que irão compor a revista); o arquivamento, transformação do escrito em uma informação localizável dentro de um sistema, como um banco de dados (a revista em si, que permite localizar as diferentes matérias); o arquivamento da gravação, salvar o suporte da linguagem para possível recuperação posteriormente (a inserção dos fascículos no sistema da biblioteca); a gravação do arquivamento, a realização de cópias, backups, dos arquivos para garantir que estes não se percam.

Sob essas categorias de armazenamento operam diferentes temporalidades, a duração de uma gravação é diferente do arquivamento, que vem a ser diferente da leitura das lembranças arquivadas, mas todas são recursos para recuperação da memória.

É possível entrar em contato com esses dados arquivados de maneira direta ou sequencial, conforme o autor usa a metáfora de labirinto, seja em um caminho único ou no seguir de cruzamentos. Ao trilhar esse caminho, o sujeito tem que entender que não vai encontrar apenas fatos concretos e verdadeiros, pois os componentes possuem um caráter duvidoso inerente a própria estrutura da memória que pode modificar acontecimentos e entendimentos. Assim, embora os fragmentos apresentados no decorrer do curso labiríntico tenham a pretensão de ser a imagem do mundo e ter um caráter histórico quando alcançados, podem ter sofrido transformações, ou nas palavras de Colombo (1991), estarem desfocados.

O arquivo e, igualmente as próprias revistas quando entendidas neste mesmo sentido, exprimem duas temporalidades, a do passado a ser lembrado e a do presente que se altera ao lembrar o passado. Os arquivos eletrônicos são identificados como “arquivamento do

tempo, ou seja, armazenamento do fluir” (Colombo, 1991, p.62), características manifestadas na indexação da coleção no sistema da biblioteca.

A própria digitalização transforma a materialidade da revista em informação digital. Assim, a evolução técnica das imagens reflete nas formas de arquivo e gravação da memória. Com o advento do cinema e posteriormente com o da televisão, assim como, a evolução das câmeras, as filmagens se engendram na vida cotidiana, a possibilidade da captura e condensação das temporalidades passa a ser um hábito comum à sociedade. O presente passa a ficar conservado em rolos de filmes, ou hoje, nos HDs e computadores. Logo, quando revisto, mostra um passado que acaba por ser resignificado e resignificar o presente.

O efeito social dessa incessante substituição e afirmação do arquivamento televisivo do mundo é o nascimento de uma difratada e plural ramificação de arquivos a um tempo parciais e totalizantes, que, referidos a uma hipotética hierarquia lógica, podem ser vistos ordenados segundo uma pirâmide em cuja base estão os microarquivos familiares (álbuns audiovisuais), e em cujo vértice se acham os macroarquivos das redes televisivas ou das grandes mídiotecas. (Colombo, 1991, p.63)

As nuances de magnitude dos sentidos são perceptíveis na descrição de Colombo (1991) ao mensurar dois tamanhos de arquivos. Os sentidos que o objeto revista passa a ter também revelam como as camadas que o conotam têm pesos diferentes. Comumente chamados de documentos, os materiais midiáticos impressos guardados em acervos como bibliotecas ou nos próprios arquivos das editoras podem ter mais credibilidade quando usados para exprimir uma época histórica.

O autor Le Goff (2003) discorre a respeito de dois tipos de materialidades que a memória está aplicada: os documentos e os monumentos. Ambos estão sobre influência aos recortes de historiadores ou demais sujeitos que optam dentre vários fatos e acontecimentos, fazer de um certo momento algo que fixe o passado como esses conceitos, e, a partir dele, possamos relembrá-lo.

Em sua procura de significar essas palavras observa que, o monumento, antigamente era um termo usado para servir como testemunho mais abrangente do que os documentos escritos, os quais uma quantidade menor da população tinha acesso, embora por vezes ganhasse o patamar de prova histórica, ideia que proliferou com a escola positivista ao fim do século XIX, como já abordado por Cellard (2008) no início do texto. Assim, o autor abrange seu sentido e contextualiza. Com a ampliação do significado de documento para além do material escrito e incluindo os de caráter de audiovisual também se inicia uma revolução

documental, no qual deseja-se conter na memória coletiva todo o tipo de informação depositando nelas certo valor e poder.

Os movimentos que fazem do documento um monumento e vice-versa, aplicam-se em cima das intencionalidades que uma sociedade tem a respeito de descobrir e conservar sua história. Antigamente um momento devia ser estudado e observado tomando o status de documento para lembrar o passado, hoje os documentos deixados recebem o status de monumento e se configuram com peças de um quebra cabeça que precisam ser relacionadas para construção de sentido (Le Goff, 2003). À vista disso, os documentos não são inocentes, passam pelas mãos das pessoas que o produziram e pelo historiador que o selecionou.

Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Os medievalistas, que tanto trabalharam para construir uma crítica — sempre útil, decerto — do falso, devem superar esta problemática, porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro — incluindo talvez sobretudo os falsos — e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupa, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (Le Goff, 2003, p. 538)

Encoberta por diferentes roupagens, seja de coleção, arquivo ou documento, como foi visto, os sentidos das revistas estão alinhavados com diferentes temporalidades e intencionalidades. Os recortes de mundo são feitos não apenas pelos editores, mas pelas constantes mãos que manipulam esse objeto e guardam uns exemplares e detrimento de outros. Os mecanismos de armazenamento de materialidades físicas do passado se entrelaçam também na subjetividade da construção de sua memória.

A revista como suporte da memória?

Rafael Cardoso (2012) aponta que os objetos, sejam pequenas coisas ou grandes construções arquitetônicas, estão sempre sujeitados às mudanças de tempo e espaço, fatores que determinam seu modo de significação e percepção. Esses aspectos que, quando mudam fazem o significado de um objeto se alterar também, são: o uso (modo que é operacionalizado); o entorno (o que realmente o circunda); a duração (por quais acontecimentos o objeto passou); o ponto de vista (impressão do usuário); o discurso (como ele é representado ou representa); e a experiência (o que é ínfimo na relação entre o objeto e a pessoa).

A dimensão temporal transforma as noções que dão sentido aos objetos de mutáveis em estáveis, alcançando um outro nível de acepções. Aqui o uso vira propósito, o entorno vira história, a duração vira permanência, o ponto de vista vira atenção, o discurso vira consagração e a experiência torna-se memória. O tempo que nunca para de se desenrolar, deste modo, coloca em uma mesma época, o passado e o contemporâneo. Essa mistura promove um hibridismo temporal e uma nova articulação de símbolos que, promovidos pela memória, ajudam a formar e manter identidades (Cardoso, 2012).

Segundo Halbwachs (2017) relata que mesmo memórias individuais se estabelecem a partir da existência e vivências dos sujeitos em sociedade com a emersão de lembranças codificadas em linguagens. A memória coletiva seria o conjunto das memórias de um determinado grupo que individualmente tem diferentes pontos de vista sobre a mesma memória, dependendo do lugar e relações que estabelece dentro deste mesmo grupo. Diferença entre lembranças pessoais e impessoais também caracterizam as diferenças entre o que é memória coletiva e o que é memória individual. Como desempenham de forma conjunta a memória individual utiliza-se da coletiva para preencher seus esquecimentos, por vezes confundindo uma como a outra. Já a memória histórica recompõe um presente e projeta um passado reinventado e esquemático que serve como aprendizado, diz respeito não apenas a épocas diferentes, mas sociedades distintas, os agrupando em determinados eventos e acontecimentos. A memória coletiva apenas recompõe o passado de uma mesma sociedade.

Considerações Finais

Assim como o homem pode perpetuar-se no tempo por suas coleções ele também o tenta e evidencia suas diferentes durações através de cronômetros sociais e tecnológicos. O primeiro é aquele que estabelece o andamento e extensão das experiências vividas coletivamente, nos diferentes rituais sob os quais nossa cultura foi criada. O segundo é a abstração socialmente aceita que convencionou nossos dias tem exatas horas, medidas com precisão por instrumentos cientificamente elaborados. Essas variadas mensurações estão consoantes com o próprio tempo do arquivo que une a temporalidade digital e a humana, como aborda Colombo (1991). Configurado dentro de sistemas digitais é reinserido nas práticas sociais ao ser acessado. Contudo, isso só é assumido como possível quando as dimensões de tempo e memória são trabalhadas conjuntamente: “o tempo só pode ser captado

dentro de um horizonte mnéstico, e ademais, a memória se define especificamente em função da ordem da colocação temporal dos objetos que recordamos”. (Colombo, 1991, p. 85)

A revista serve como um operador de linguagens que pode fazer suscitar memórias individuais ou coletivas ao criar vínculos e experiências com seus leitores. Projetadas ao pensar possíveis futuros concretizam sua operacionalidade no presente, seja no sentido de veículo midiático ou nas demais atribuições aqui levantadas, mas sem tornarem-se obsoletas, pois ao estarem em contato com o público podem virar lembranças passadas.

O trabalho em desenvolvimento na Cátedra Instituto Cultural ESPM abre possibilidades de recompor elementos ou componentes pertencentes à memória coletiva da própria instituição, dos veículos de comunicação e, por conseguinte, da própria história da sociedade, ao tentar trazer para a comunidade não só apenas revistas antigas como também, livros, filmes e demais materiais que passarão a integrar o acervo da biblioteca.

No folhear de todos os exemplares da coleção de revistas nº 1, na atividade de pré-catalogação, focada em buscar informações como ISSN, título, título variante, local de publicação, editora, data de publicação, periodicidade e palavras chave, que caracterizam e distinguem cada fascículo, foram observados movimentos de produção que representam alterações de sentidos no fazer revista que, em parte abordados nesta discussão, ainda abrem caminhos para futuras indagações a respeito das continuidades e rupturas que este objeto representa.

Ao mesmo tempo que sentimentos de afeição, constrangimento, saudade são despertados ao mexer nestas publicações, novos conhecimentos são concebidos trazendo consigo curiosidades, euforia e divertimento. Com o fechar de alguns títulos e suas remodelações em novas materialidades devido às tecnologias digitais é possível perguntar: há assuntos determinados a perder espaço na mídia impressa como os passos a passos das revistas faça você mesmo? As tecnologias de produção influenciam na constituição estética da edição a ponto de coibir antigas aparências de circularem em edições recentes? Quais necessidades podem ser supridas hoje por uma revista no quesito de aproximar ou fazer amizades, como as antigas revistas de encontros? Uma revista ainda pode ser considerada um presente a alguém, sem que este seja um colecionador? Estas dúvidas esboçam outras perspectivas que podem ser abordadas a partir desta investigação.

Referências

- Baudrillard, J. (1973). *O sistema dos objetos*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Buitoni, D. (2013). Revista e segmentação: dividir para reunir. In: Frederico de Mello Brandão Tavares; Reges Schwaab. *A Revista e seu Jornalismo*. Porto Alegre: Penso.
- Cardoso, R. (2012). *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify.
- Cellard, A. (2008). A análise documental. In: Vários autores. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Colombo, F. (1991). *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva.
- Deslauries, J; Kérisit, M. (2008). O delineamento da pesquisa qualitativa. In: Vários autores. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Le Goff, J. (2003). Documento/monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas: Unicamp.
- Halbwachs, M. (2017). *A memória coletiva*. 9. ed. São Paulo: Centauro.
- Leslie, J. (2003). *Novo design de revistas*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Mira, M. (2001). *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp.